

POESIA & PARANÓIA

(resenha do livro *Paranóia*, de Roberto Piva, Instituto Moreira Salles, 2000, publicada no *Jornal do Brasil*, caderno *Idéias*, dia 15 de Julho de 2000)

Contrariamente à erudição higienicamente esteticista e à confortável submissão ao entretenimento, características de uma parte significativa das letras contemporâneas, o século dezenove foi capaz de nos legar um pensamento revolucionário, fazendo-se presente ao longo do que de mais intenso aconteceu no século vinte.

Penso em Thoreau, Nietzsche e Rimbaud, contestadores do estabelecido e criadores de uma força indomesticável que, fomentando a indissociação entre arte e vida, insufla a renovação constante dos valores. A convocação da simplicidade, a ética do eterno retorno e o desregramento de todos os sentidos continuam a explodir com identidades estanques e obrigam cada um de nós à diferença criativa que nos quer atravessar. Nessa trinca da afirmatividade incondicional, uma constatação e uma exigência tão bem formuladas pelo primeiro dentre os citados: "If a man does not keep pace with his companions, perhaps it is because he hears a different drummer. Let him step to the music which he hears".

Muitos dos experimentalismos de nosso século surgem das propulsões mencionadas. A partir delas, instaura-se, também, a poesia de Roberto Piva, que tem por projeto o rompante dionisíaco abridor de atalhos para a liberdade. Buscando a expansão da vida, Piva transforma o tabu em experiência vertical, o tédio em iluminação, diz sim ao que era negado: às drogas, à homossexualidade, a um certo banditismo romântico, ao xamanismo, à ecologia contra o capitalismo e o comunismo... "Só acredito em poeta experimental que tenha vida experimental", "Aí começou minha vida de marginal, isto é, de poeta. A partir daí apostei em tudo o que é pervertido", "Quando nossos/ poetas/ vão cair na vida?/ Deixar de ser broxas/ pra serem bruxos?", instiga-nos Piva ao longo dos anos, ecoando a provocação de Mario Faustino, para quem o Brasil, no lugar de beletristas perfumados, precisaria de poetas perseguidos pela polícia. Tal projeto significa a tentativa de impor à sociedade, pela transformação de seu próprio destino, a necessidade de acatar diferenças de pensamento, de linguagem, de vida. Ou de acatar a vida, o pensamento, a linguagem, em suas diferenças.

Digo isso no momento em que o poeta tem seu primeiro livro, *Paranóia*, relançado, quase quarenta anos passados da primeira edição. O que faz *Paranóia* permanecer atual? O cineasta Ugo Giorgetti, filmando um documentário intitulado "Uma Outra Cidade – Poesia e Vida em São Paulo nos Anos 60", afirma: "Para mim, às vezes era difícil reconhecer, nos poemas de *Paranóia*, a São Paulo de 1960, dos bondes e da missa aos domingos. A razão é clara. Piva falava de outra cidade. Que não existia em 1960. Mas que ele, cumprindo sua obrigação de grande poeta, já via. E, ano após ano, quase sem que eu me desse conta, lentamente, essa nova cidade foi se materializando, como se os fatos obedecessem ao poema. Hoje eu a reconheço. A verdadeira cidade que está em *Paranóia* é a São Paulo de 2000, não a de 1960. Tão exata na sua imitação do poema que eu me pergunto se esta cidade existe mesmo ou se não estamos vivendo um pesadelo do Piva".

Nessa citação, um dos pensamentos mais importantes da poesia de Piva se faz presente: o poeta como visionário, oráculo para a invenção do presente e do futuro. Isso acontece quando ele assume sua própria fundamentação, indiscernível da do mundo, na linguagem... e a palavra se reconhece enquanto produtora de realidades. Se o pensamento marxista anunciava que os homens se cansaram de interpretar o mundo, tendo, agora, que o transformar, Piva, como Rimbaud, diria que a poesia está à frente das ações, transformando a realidade, e não sendo rebocada por ela. Interpretar o mundo já é transformá-lo, estar lançado em experiências, singulares por serem criativas, que ocorrem sempre pela primeira vez. Assim, a existência da cidade se manifesta no delírio paranóico do poeta, que, de um detalhe, parte para uma alucinação lingüística que nos obriga a vivenciá-la originariamente, sem que consigamos traçar qualquer limite entre o "real" e o "imaginário". Os cortes da poesia são os da velocidade da efervescência citadina gerando novos agenciamentos. Estamos presos no xamanismo urbano, mágico, do primeiro livro de Piva. Resta-nos, agora, nos perder nessa cidade de inúmeros caminhos, e, perdidos, sermos instigados a encontrar nossas próprias descobertas.

Para terminar, vale parabenizar o instituto Moreira Salles que vem exercendo importantes atuações na área literária com os Cadernos de Literatura Brasileira. Os respectivos Cadernos já se detiveram sobre escritores incontestáveis como João Cabral, Ferreira Gullar e Raduan Nassar. Por um lado, publicou um número dedicado a Raquel de Queirós, autora conhecida de todos nós desde os estudos ginasianos e membro da Academia Brasileira de Letras; por outro, atreveu-se, ousadamente, a divulgar quem, tendo uma das obras mais contundentes dentre as já escritas entre nós, manteve-se sempre à margem do grande público, da grande mídia e dos "bons modos": Hilda Hilst. Agora, o Instituto Moreira Salles surpreende mais uma vez com o relançamento do respectivo livro de Piva. A luxuosa edição mantém as 76 fotografias do artista plástico Wesley Duke Lee, que, longe de querer representar em imagens os poemas, comunga a mesma ambiência que o poeta, irmanando-se com os escritos e criando um íntimo e tenso diálogo inventivo.